

TRADIÇÃO, FESTA E DEVOÇÃO NA IGREJA CONSELHEIRISTA DO SENHOR DO BONFIM DE CHORROCHÓ - BAHIA

Jadilson Pimentel dos Santos*

1. CHORROCHÓ E SUA CULTURA DE TRADIÇÃO POPULAR

O território de Chorrochó está localizado nas terras da velha fazenda que pertenciam ao capitão Francisco Alves de Carvalho, José de Sá e Antônio de Sá Araújo. No ano de 1842, algumas famílias ali já moravam cultivando o solo para a sua manutenção. Tempos depois, o povoado que pertencia a Curaçá, antigo Capim Grosso, atraiu moradores de regiões próximas, fascinados pela fertilidade do solo, os quais se fixaram ali com suas famílias. Segundo reza a tradição, o topônimo originou-se devido ao fato de os viajantes antigamente dizerem: *Aqui mora os chora-chora*, do vocábulo tupi “choró” que significa impetuoso.

Até 1650 o município de Chorrochó era habitado por índios da nação “procás” localizada no “sertão dos Rodelas”. Esta região ficava na capitania de Pernambuco até 1725, quando o Rio São Francisco passou a ser a fronteira entre as províncias da Bahia e Pernambuco. A cidade teve a sua origem de uma fazenda pertencente aos condôminos Capitão Francisco Alves de Carvalho, José de Sá Araújo e Antonio de Sá Araújo que moravam em Pernambuco. Era uma fazenda muito próspera com extensas várzeas e campos apropriados para a criação de caprinos e bovinos. No ano de 1842, os missionários que por aqui passaram encontraram oito casebres de “taipa”, cobertos de palha cujos moradores agregados e escravos da família Pires de Carvalho, exploravam a criação de caprinos e bovinos, cultivavam o solo com agricultura de subsistência e trabalhavam na indumentária de vaqueiro e outros produtos de couro. Com o passar dos anos a fazenda foi se desdobrando em lotes menores vendidos ou passados por herança aos descendentes dos proprietários. Esta fazenda se estendia pelas duas margens do riacho Grande e a casa da fazenda ficava na margem direita do riacho. Depois é que atravessaram as águas e construíram as primeiras casas dando origem ao povoado Xorrochó. O nome é de origem indígena. Os índios rodeleiros que habitavam os sertões baianos ficavam impressionados com a impetuosidade das águas barrentas do Riacho Grande e ficavam repetindo o barulho das águas rolando nas pedras. O nome é de origem tupi, corrupção de choró = impetuoso, que repetido, forma o superlativo mais ou muito impetuoso. O nome original era escrito com X – Xorrochó, depois mudou a grafia para Chorrochó. Uma neta de José de Sá Araújo, Ana Clara do Amor Divino, herdeira da fazenda, casou-

se com o imigrante sergipano José Joaquim Pacheco de Sousa Menezes, vieram morar na fazenda e tornaram-se fundadores de Chorrochó. Ana Clara era neta, pelo lado materno, do procurador da Casa da Torre, Jerônimo Pires de Carvalho. Em 1877, Chorrochó já possuía uma movimentada feira semanal, mas o seu desenvolvimento se desencadeou com a chegada de Antonio Conselheiro que construiu a Igreja de Nosso Senhor do Bonfim, concluída em 1885.

(MENEZES apud www.radioliderdosertaofm.com.br, acesso em 10/04/2012).

O município atual é composto de aproximadamente 10.952 habitantes e dista cerca de 449 quilômetros da capital baiana. Está localizado no Polígono das Secas, mais especificamente na microrregião de Paulo Afonso, às margens do São Francisco. É um dos pontos extremos do Estado, separando-o de Pernambuco. Faz fronteira com: Abaré, Curaçá, Uauá, Canudos, Macururé e Rodelas.

A principal via de acesso ao município, a partir da capital do Estado, é através da BR 116. Porém, para se chegar à cidade chorrochoense, estando-se na sua zona de proximidade, pega-se a BA 310 com distância, até o sítio urbano, de 11 quilômetros.

A primeira visão que se tem da cidade, estando-se ainda distante da mesma, é a da edificação religiosa fundada por Antônio Conselheiro: Igreja do Senhor do Bonfim. A alvura do templo, caiado de um branco puríssimo, refletida pela forte luminosidade do sol do sertão impressiona, sobremaneira, o visitante. Ao se chegar nos pórticos do sítio urbano, tal visão se confirma pela presença soberana do edifício religioso erguido na última metade do século XIX.

Cunha (2002, p. 159) informa-nos a data da chegada do profeta nas terras desse município. Também atribui um juízo de valor à estética da igreja, chamando-a de elegante.

Vagueia, então, algum tempo, pelos sertões de Curaçá, estacionando (1877) de preferência em Chorrochó, lugarejo de poucas centenas de habitantes, cuja feira movimentada congrega a maioria dos povoadores daquele trecho do São Francisco. Uma capela elegante indica-lhe, ainda hoje, a estada. E, mais venerável talvez, pequena árvore, à entrada da vila, que foi por muito tempo objeto de uma fitolatria extraordinária. À sua sombra descansara o peregrino. Era um arbusto sagrado. À sua sombra curavam-se os crédulos doentes[...].

Chorrochó é, ainda, quase do tamanho de um povoado. Segundo atestam seus habitantes, a pequena comunidade foi se desenvolvendo a partir da igreja, e crescendo sempre em linha reta. Conforme depoimento dos moradores, a igreja foi projetada por Antônio

Conselheiro para que fosse vista de qualquer ponto do referido arraial. Nada deveria ser propiciado para que impedisse a contemplação da edificação.

De todos os lugares desses sertões do Conselheiro, é a obra que mais conserva, em termos de originalidade, os traços e características deixadas pelo beato, tendo inclusive servido de protótipo para a reconstituição da Igreja de Santo Antônio de Canudos, representada na obra fílmica: Guerra de Canudos do cineasta Sérgio Resende.

Essa cidade, cuja fundação foi praticamente articulada pelo beato Antônio Conselheiro, possui um conjunto arquitetônico que leva a sua assinatura. Vê-se aí, a igreja datada de 1885, erigida em honra ao Senhor do Bonfim e um cruzeiro tipo “palanque” se sobressai em harmonia com a fachada da edificação.

Seguindo esse modelo construtivo, têm-se notícias de mais três obras do profeta que dialogam com esse partido arquitetônico, sendo que sobreviveram até nossos dias apenas dois desses edifícios: o conjunto do Bom Jesus de Crisópolis e o conjunto de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro situado na cidade de Ribeira do Amparo. O outro exemplar, o da Igreja Velha do Belo Monte, embora mais rico e exuberante, foi destruído por ocasião da Guerra de Canudos, e sua divulgação se deu, sobretudo, através da obra fotográfica de Flávio de Barros.

O conjunto do Senhor do Bonfim de Chorrochó é o marco referencial da cidade. É a prova da passagem do Conselheiro por aquelas paragens. Obra ímpar, tida pelos moradores como a “menina dos olhos do Conselheiro”.

Quando passou por Chorrochó, autorizou a construção de uma igreja, deixando no lugar alguns trabalhadores, chefiados pelo mestre Feitosa, encarregado da obra. Demorou quinze dias elaborando o projeto, providenciando o material a ser usado e escolhendo o local onde seria erguido o templo, optando, finalmente, pelo mesmo onde havia uma capelinha em ruínas. Os moradores comprometeram-se a colaborar com trabalho e dinheiro, jubilando-se com a nova casa de orações, enaltecendo a figura do peregrino. A árvore, sob a qual habitou durante esse período, tornou-se local sagrado, os fiéis ajoelhando-se e orando à sua sombra. No décimo sexto dia prosseguiu na caminhada sem rumo determinado. Deixou o povoado e seguiu por onde houvesse a certeza de encontrar água. Era tempo de seca, uma das maiores já vistas no sertão. (CANÁRIO, 2005, p. 165)

José Aras (1953, p.19) também assevera sobre a estada do Conselheiro nas terras de Chorrochó. Na sua fala, assim que o Povo da Companhia chegou ao local, onde é hoje a Praça da Igreja, ao clarão das fogueiras de alecrim e candeia, rezaram o terço com os rosários

suspensos. Estava iluminada toda área do terreno em grei, alvejando todas as bocas das estradas. Segundo o autor, no dia seguinte puseram-se ao trabalho, a fim de dar início às obras da nova igreja. Trataram de carregar as madeiras, taboados e linhas de âmago e cedro que vinham em balsas do rio de cima, mas que teriam de ser transportadas até ali, em seus ombros, através do sertão, pelos caminhos estreitos da caatinga.

Atingindo a conclusão da igreja, o penitente se comprometeu em construir outras, naqueles rincões dos sertões. Visitou ainda muitos lugares daquela baixa sanfranciscana, conquistando muita gente para o seu mister.

Sobre a comprovação dessa construção realizada pelo beato peregrino o poeta confirma:

[...] Tinha gente acompanhando
Que era de fazer dó
Aquele fanatismo misto
Que levantava o pó
E para o sertão seguiu
Nessa viagem construiu
A igreja de Chorrochó
Esse povo acompanhando
Contava às centenas
Branças louras e mestiças
Pretas, mulatas e morena
Maltrapilhas na miséria
Mesmo naquela era
Fazia a gente ter pena.
(SARA, 1963, p. 7)

O término da construção do templo ficou sob a responsabilidade do cearense Feitosa dos Inhamuns. Sobre ele, pouco se sabe. Diferentemente do mestre Fustino, o qual temos notícia trabalhando no Belo Monte, o mestre Feitosa foi quase apagado da memória do “Povo da Companhia”.

O pouco que sabemos é contado no ofício do delegado do Itapicuru enviado ao chefe de polícia da capital baiana. Esse documento comunicava sobre os problemas causados por esse indivíduo conterrâneo do Conselheiro, bem como dos recursos enviados para as construções de Chorrochó. Embora o término da construção da igreja seja datado de 1885, é importante salientar que no ano de 1886, ainda se trabalhava nessas obras.

[...]estão empregando cearenses, aos quais Antonio Conselheiro presta a mais cega proteção, tolerando e dissimulando aos attentados que commettem, e esse dinheiro sahe dos credulos e ignorantes, que, além de não trabalharem, vendem o pouco que possuem e até furtam para que não haja a menor falta,

sem falar nas quantias arrecadadas que têm sido remetidas para outras obras do Chorrochó, termo do Capim-Grosso. É incalculável o prejuízo a que esta terra tem causado Antonio Conselheiro. Entre os operários figura o cearense Feitosa como chefe, que com os demais fanatisados fizeram no referido arraial uma praça de armas, intimando a cidadãos – como o negro Miguel de Aguiar Mattos, para mudarem-se do lugar com sua família em 24 horas, sob pena de morte. (apud BENÍCIO, 1997, p. 55)

Oleone (2011, p.124) é categórico ao afirmar que a Matriz de Chorrochó é um dos timbres mais autênticos da passagem do beato pelos sertões da Bahia, já que construída por ele, com o concurso de seus perseverantes seguidores, sob a inspeção de mestre-de-obra de sobrenome Feitosa dos Inhamuns.

Contados mais de 127 anos da edificação do templo e mais de 135 anos da primeira aparição do peregrino nessas paragens, a memória da fé e devoção disseminados por ele ainda reverbera. O conjunto arquitetônico concebido, ali, é testemunha infalível de sua atuação. É a memória viva da cidade e de toda aquela gente do sertão do norte.

Na verdade, o monumento, além de encantar a todos pela beleza apresentada, é a grande atração turística da comunidade e o símbolo maior que enche de orgulho o seu povo.

A cidade inteira é um sítio marcado por fortes nuances de religiosidade, herança, talvez, do misticismo legado pelo bom profeta. Logo à entrada do centro, um outro cruzeiro erguido por missionários, no século XX, anuncia ao visitante, as tonalidades de fé e devoção ao Bom Jesus. É uma obra de simplicidade, porém graciosa, concebida e influenciada a partir dos partidos tipológicos do Conselheiro.

2 A IGREJA DO SENHOR DO BONFIM DE CHORROCHÓ – BA



Imagem 01: Igreja do Senhor do Bonfim de Chorrochó – BA.
Fonte: Jadd Pimentel, 2010.

Embora o exterior da igreja de Chorrochó não tenha sofrido nenhum tipo de alteração e esteja bastante preservado, o mesmo não se pode dizer acerca da decoração do seu interior.

Poucas são as peças deixadas pelo beato que chegaram aos nossos dias. Muitas delas foram desfiguradas pela negligência das autoridades, e/ou comunidade local, e outras tantas, sucumbiram devido à ação do tempo. Um fato que provocou a destruição de algumas obras do seu acervo, bem como uma certa comoção da comunidade, foi o desabamento do telhado da igreja, na década de oitenta do século XX. Uma parte do frontão, tempos depois, também desabou, provocando indignação e mobilização por parte dos moradores.

É notório, na fala da comunidade, um tom de tristeza em relação ao abandono dessas obras sagradas. O descaso e alheamento ocasionados pela igreja, que tem se mobilizado pouco para evitar as mutilações do acervo artístico, bem como para pedir o seu tombamento, tem irritado a população local. Graças à boa vontade e ao empenho dos seus habitantes o templo se mantém, ainda, incólume.

O repertório ornamental da Igreja do Senhor do Bonfim, desde a gênese de sua concepção, pedia para uma simplicidade e economia de detalhes. O estilo adotado fugia a regra do partido ornamental da fachada (barroco tardio), pois o que se via aí era uma predileção pelo singelo da arte popular, mesclado aos toques do neoclássico e influências sutis do barroco.

Os altares; mor e colaterais também foram reformulados. Restam apenas algumas peças e pequenos fragmentos do acervo produzido pela gente do Conselheiro. Desses exemplares podemos listar: o oratório e a mesa do altar-mor, um segundo oratório pertencente a um dos altares colaterais, um sacrário, e a imagem do Senhor do Bonfim deixada pelo beato.

O orago, escultura em madeira policromada, apresenta alguns traços da arte popular. É voz corrente na cidade, que a imagem foi presente concedido ao profeta, vindo de Portugal, o que, talvez, não se confirma. O certo é que, é uma peça *sui generis*. Nela podemos observar alguns incrementos em prata batida e outros elementos em madeira torneada.

Sobre a imagem do padroeiro de Chorrochó, há uma lápide em mármore que foi colocada na parede frontal da igreja, no ano de 1985 (Imagem 02). Tal inscrição nos diz:

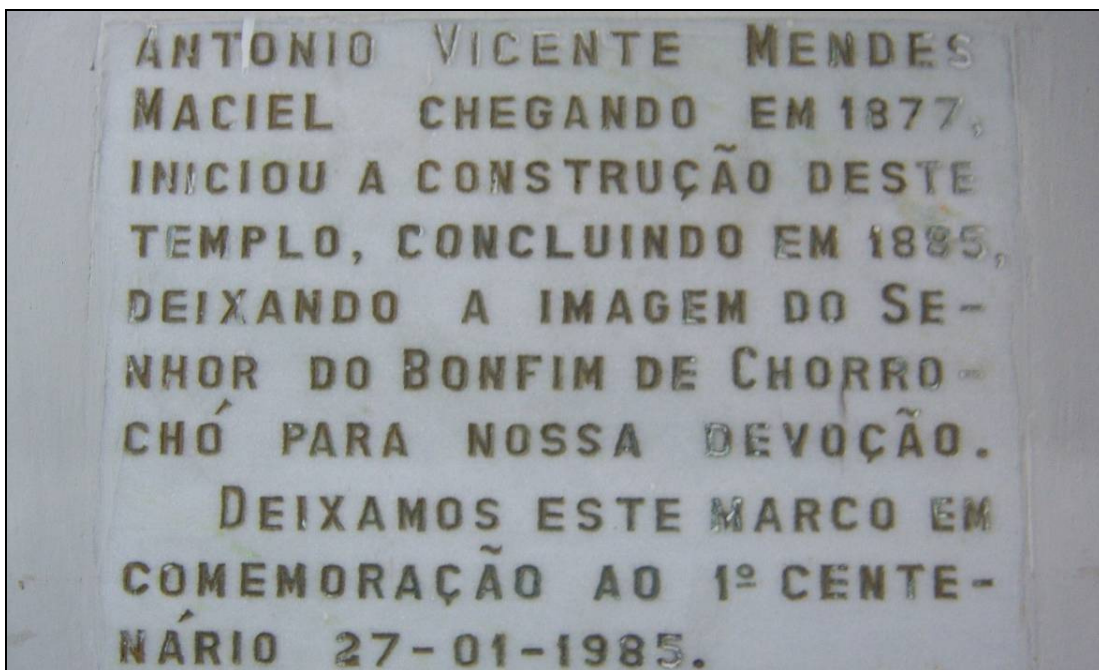


Imagem 02: Inscrição em homenagem ao centenário da Igreja Senhor do Bonfim de Chorrochó – BA.
Fonte: Jadd Pimentel, 2010.

A escultura do Senhor do Bonfim de Chorrochó está acondicionada num oratório executado, no século XIX, para compor o altar-mor (Imagem 03). É uma das últimas peças dessa época, e evidencia em sua ornamentação a tendência escolhida.

Concebido em madeira sem policromia, apresenta porta de vidro contendo bordas torneadas. A cornija dessa peça é ligeiramente arqueada e está coroada por dois pares de volutas em “s” que sustentam um globo encimado por uma pequena cruz. Essa tipologia foi

adotada, ainda que de forma mais exuberante, em outras igrejas do sertão por onde o Conselheiro andou e missionou. Dentre elas é conveniente citar: altares colaterais e oratórios da Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Ouriçangas e oratório do altar-mor da igreja de Santa Tereza de Ribeira do Pombal.



Imagem 03: Oratório do altar-mor da igreja do Senhor do Bonfim de Chorrochó – BA.

Autoria: Mestre Feitosa dos Inhamuns e Antônio Conselheiro, século XIX.

Fonte: Jadd Pimentel, 2010.

A mesa do altar é datada do mesmo período. Apresentando linhas curvas, contém em seu frontal um florão em forma de cruz que confirma a assinatura dos carpinteiros da comitiva do Antônio Conselheiro.

O desenho do florão é de inspiração popular. Apresenta quatro ramicelos estriados que se ligam a flor central formando os braços e o corpo da cruz. Novamente o numeral quatro é, ai, explorado: quatro ramicelos, quatro divisões dos ramicelos, quatro folhas para o florão central, etc.

Outra peça de valor inestimável para a história desse templo é o oratório e o seu sacrário, que estão situados no altar colateral esquerdo. Nessas peças, a linguagem de repertório popular se filia às influências neoclássicas, possibilitando um diálogo de teor híbrido.

Neles observam-se a presença do frontão triangular, a utilização do arco pleno e de colunas de influência classicizante que se somam aos relevos florais e aos desenhos simplificados dos frisos, da hóstia e do cálix bento.

Quem primeiro noticiou acerca da construção da Igreja de Chorrochó, em nível nacional, foi o correspondente do Jornal do Comércio enviado a Canudos, em 1897; Manuel Benício. Em sua obra *O Rei dos Jagunços* ele transcreve um ofício enviado pelo delegado do Itapicuru à capital da Bahia, denunciando essas construções.

Em 1902, no livro *Os Sertões*, Euclides da Cunha também abordará sobre essa edificação citando acerca da passagem do beato por essas paragens. A partir da década de 50 do século XX, alguns canudófilos falarão, ainda que de forma sumária, sobre esse templo. Um deles é o historiador José Calasans Brandão da Silva.

3. TRADIÇÃO, FESTA E DEVOÇÃO NA IGREJA DO SENHOR DO BONFIM DE CHORROCHÓ

Muitas são as manifestações de cunho imaterial, do final do oitocentos, que ainda se revivem nesse município. A novena do padroeiro que ocorre entre 21 e 31 de janeiro é repleta de festejos e rituais que se mantêm vivos, preservando muito de sua originalidade. Geralmente a novena principia com Procissão tendo à frente a Bandeira do Senhor do Bonfim, a qual sai do Santo Cruzeiro, localizado no centro da cidade, e dirige-se à Igreja Matriz, onde ocorre a abertura oficial do novenário com celebração de Santa Missa. Já o encerramento dos festejos ocorre com o translado do santo orago até a Capela de Nossa Senhora da Conceição, localizada defronte ao Cemitério Novo, bem como seu retorno para a Igreja.

Na procissão além dos cantos, rezas e ladainhas que vão entoando, ouvem-se, também, o espocar de fogos e o som das matracas. Dentre os cânticos entoados aprecia-se o hino de devoção ao Senhor do Bonfim de Chorrochó.

Durante os dias da novena, a cidade fica marcada pelos inúmeros festejos que aí ocorrem, mesmo os de caráter profano. Nos três últimos dias da festa, a comunidade revive a experiência da lavagem do adro do templo, ao modo da lavagem do Senhor do Bonfim de Salvador, que para cá, também foi transplantado. Essa festa, que começa no Cruzeiro, tem na

vanguarda várias mulheres mestiças trajadas de baianas que puxam o cortejo entoando músicas com jarros na cabeça e em carroças enfeitadas.

Além dessa manifestação, outra de beleza considerável, que aí ocorre, é a marujada¹. Com muitos integrantes que vem da cidade de Curaçá, município vizinho, estes se apresentam em frente à igreja com seus pífanos e instrumentos vários, trajando roupas e fitas coloridas. É importante lembrar que essas festas, na época do Conselheiro, eram autorizadas. O Povo do Conselheiro ou Povo da Companhia era uma gente muito festeira quando em época de louvores ao padroeiro. No município de Curaçá, o beato também estivera, e lá, construiu obras pias, o que confirma a aceitação e o traslado dessa festa para a cidade de Chorrochó quando da época dos festejos, e ao fato de Chorrochó, no passado, fazer parte do território de Curaçá.

Pode-se mesmo asseverar que a cidade do Chorrochó é uma das únicas, por onde o beato passou, que ainda preserva significativamente a cultura popular deixada por ele.

As festas propiciadas pelo bom profeta eram repletas de expressões e alegrias. Assim que chegava numa localidade, tratava logo de armar latada e movimentar o seu povo, atraindo gente das cidades circunvizinhas e regiões próximas. Toda essa movimentação, que ocorria nos dias de missão, possibilitava um maior dinamismo comercial da área de abrangência dos festejos.

Geralmente as aberturas dessas festas começavam com o espocar dos foguetes e o ribombar dos tambores e outros instrumentos. Era costume, no adro da igreja, acender fogueiras diversas, que tinham como combustíveis madeiras típicas da região e folhagens de alecrim.

Fulguravam as fogueiras, que era costume acenderem-se acompanhando o perímetro do largo. E os seus clarões vacilantes emolduravam a cena meio afogada nas sombras. Consoante antiga praxe, ou, melhor, capricho de A. Conselheiro, a multidão repartia-se, separados os sexos, em dois agrupamentos destacados. E em cada um deles um baralhamento enorme de contrastes... (CUNHA, 2002, p. 186)

Esses costumes, todos, continuam se mantendo na festa do Senhor do Bonfim de Chorrochó. Outra prática bastante singular empregada, ainda hoje, nos últimos dias dos festejos dessa igreja, é a colocação de folhagens recobrimdo todo assoalho do templo. Segundo os moradores, essa era uma tática empregada pelo beato, para possibilitar ao templo uma

atmosfera mais leve e agradável, já que as folhas eram aromáticas, e, também, porque naquele momento, o templo ainda não dispunha de móveis de assento. (Imagens: 04 e 05).

Na fala de outros moradores, tal evento ocorreu, justamente, porque na época da estada do Conselheiro, para a concepção e edificação do templo, o mesmo se alojou debaixo de uma árvore que findou por se tornar milagrosa. Suas folhas eram um acalento para as gentes sofridas, uma panacéia para a cura de todos os males. Sendo assim, tal fato é rememorado ainda hoje.



Imagem 04: Missa em homenagem ao padroeiro Senhor do Bonfim de Chorrochó – BA.
Fonte: Jadd Pimentel, 2009.



Imagem 05: Missa em homenagem ao padroeiro Senhor do Bonfim de Chorrochó – BA (detalhe).
Fonte: Jadd Pimentel, 2009.

Outra tradição que também se faz sentir, nesse templo, é o da cantoria de ladainhas que foram muito usadas pelo povo do peregrino. Mas, o que mais surpreende é o momento final da novena. Nesse dia, o ritual da liturgia é repleto de influências conselheiristas. As senhoras idosas vestindo uma indumentária semelhante às das beatas, afluem em fileiras até o altar onde fica posicionada a imagem do santo padroeiro e lançam-se a beijar a réplica do Senhor do Bonfim (Imagem 06).

Tal fenômeno conhecido como “beija das imagens” é enfatizado por Cunha (2002, p.189, 190).

Instituíra-o o Conselheiro completando no ritual fetichista a transmutação do cristianismo incompreendido. Antônio Beatinho, o altareiro, tomava de um crucifixo; contemplava-o com o olhar diluído de um faquir em êxtase; aconchegava-o do peito, prostrando-se profundamente; imprimia-lhe ósculo prolongado; e entregava-o, com gesto amolentado, ao fiel mais próximo, que lhe copiava, sem variantes, a mímica reverente. Depois erguia uma virgem santa, reeditando os mesmos atos; depois o Bom Jesus. E lá vinham, sucessivamente, todos os santos, e registros, e verônicas, e cruzes, vagarosamente, entregues à multidão sequiosa, passando, um a um, por todas as mãos, por todas as bocas e por todos os peitos. Ouviam-se os beijos

chirriantes, inúmeros e, num crescendo, extinguindo-lhes a assonância surda, o vozear indistinto das prédicas balbuciadas a meia voz, dos mea-culpas ansiosamente socados nos peitos arfantes e das primeiras exclamações abafadas, reprimidas ainda, para que se não perturbasse a solenidade. O misticismo de cada um, porém, ia-se a pouco e pouco confundindo na nevrose coletiva. De espaço a espaço a agitação crescia, como se o tumulto invadissem a assembléia adstrito às fórmulas de programa preestabelecido, à medida que passavam as sagradas relíquias. Por fim as últimas saíam, entregues pelo Beato, quando as primeiras alcançavam as derradeiras filas de crentes. E cumulava-se a ebbriedade e o estonteamento daquelas almas simples. Desbordavam as emoções isoladas, confundindo-se repentinamente, avolumando-se, presas no contágio irreprimível da mesma febre; e, como se as forças sobrenaturais, que o animismo ingênuo emprestava às imagens, penetrassem afinal as consciências, desequilibrando-as em violentos abalos, salteava a multidão um desvairamento irreprimível. Estrugiam exclamações entre piedosas e coléricas; desatavam-se movimentos impulsivos, de iluminados; estalavam gritos lancinantes de desmaios. Apertando ao peito as imagens babujadas de saliva, mulheres alucinadas tombavam escabujando nas contorções violentas da histeria, crianças assustadiças desandavam em choros; e, invadido pela mesma aura de loucura, o grupo varonil dos lutadores, dentre o estrépito, e os tinidos, e o estardalhaço das armas entrebatidas, vibrava no mesmo *ictus* assombroso, em que explodia, desapoderadamente, o misticismo bárbaro...Mas de repente o tumulto cessava. Todos se quedavam ofegantes, olhares presos no extremo da latada junto à porta do *Santuário*, aberta e enquadrando a figura singular de Antônio Conselheiro. Este abeirava-se de uma mesa pequena. E pregava...



Imagem 06: Missa em homenagem ao padroeiro da Igreja do Senhor do Bonfim de Chorochó – BA.
Fonte: Jadd Pimentel, 2009.

Esse comportamento que provocou estranhamento em Euclides da Cunha ainda é comum por aqueles rincões. Nas festas da Semana Santa e do Padroeiro torna-se uma prática recorrente, e, embora não seja aceita pelo clero mais ortodoxo, é uma demonstração de catolicismo popular pulsante e vivo nos dias atuais.

4 REFERÊNCIAS

Livro:

ARAS, José. *Sangue de Irmãos*. Salvador: Museu de Bendengó, 1953.

BENÍCIO, Manoel. *O rei dos jagunços*: crônica histórica e de costumes sertanejos sobre os acontecimentos de Canudos. [Edição fac-similar do Jornal do Comércio, 1899]. Brasília, Senado Federal, 1997.

CANÁRIO, Eldon. *Os mal-aventurados do Belo Monte*. Salvador: Editora ABC, 2005.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Editora Martim Claret, 2002.

FONTES, Oleone Coelho. *No rastro das alpercatas do Conselheiro* (Coletânea de textos conselheiristas e euclidianos). Salvador: Ponto e Vírgula Publicações, 2011.

SARA, Jota. *História da Guerra de Canudos*. Euclides da Cunha: s/ed., 1963.

Artigo na internet:

LOPES, Esmeraldo. *Curaçá: marujada*. Disponível em <<http://www.pt.wikipedia.org/wiki/Cura%C3%A7%C3%A1>> Acesso em: 10/04/2012).

MENEZES, Neuza. *Chorrochó completa 57 anos de Emancipação Política*. Disponível em <<http://www.radioliderdosertaofm.com.br/ncf/11>> Acesso em: 10/04/2012).

Notas:

* Mestre em Artes Visuais - História da Arte Brasileira pela Universidade Federal da Bahia. Professor de Artes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA.

E mail: jadangelus@bol.com.br

¹ O maior símbolo de identidade dos escravos e dos negros, nas áreas do nordeste cuja ocupação se deu através da pecuária extensiva foi e é um santo. Um santo negro, São Benedito. Este Santo foi assumido como sendo milagroso e grande protetor de suas causas. Em Curaçá a sua importância cresceu tanto que suplantou os santos brancos, de tal maneira que é mais devotado que o padroeiro da cidade, Bom Jesus da Boa Morte. Devido à devoção a São Benedito, no final do século XX começou a dividir com Bom Jesus da Boa Morte o título de padroeiro de Curaçá. No dia 30 de dezembro começam as festas em homenagem a São Benedito. Uma bandeira, estampada com a imagem do santo, é retirada da residência de uma família de descendentes de escravos – casa de Mãe Sérgia -, e é conduzida por uma multidão de fiéis, que portando velas acesas, sai pelas ruas da cidade, sem ordem de fila, até a Igreja Matriz, onde finalmente é erguida na ponta de um mastro, em meio a cânticos de louvores, gritos e pipocar de fogos de artifício. No dia seguinte, 31 de dezembro, os festejos continuam com a Marujada. Esta manifestação surgiu a partir da iniciativa de escravos, que pediram aos seus senhores que lhes concedessem o direito de comemorar o dia do seu protetor. Ainda bem cedo, os Marujos se reúnem na margem do Rio São Francisco, num local um pouco acima da cidade, e em procissão, descem pelo rio em vários barcos, entoando cânticos, acompanhados por violões, pandeiros e zabumbas. Após o desembarque, se dirigem à frente da Igreja Matriz, e juntos à bandeira, saúdam São Benedito. Após passagem pelo cruzeiro, se dirigem à casa da Rainha, que a essa altura, já está acompanhada do Rei e da Guarda de Honra, formada por meninos que exibem as armas, e os conduzem até a Igreja, onde participam todos de missa solene. Terminada a missa, Rei e Rainha

seguem à frente dos congos. Nesta caminhada, visitam algumas casas, onde fazem reverências a seus moradores, que lhes oferecem comida e bebida. Completado o roteiro de visitas, os marujos conduzem os reais até a casa da Rainha, que lhes oferece farto almoço. A comemoração continua por todo o resto do dia. O Rei e a Rainha são escolhidos previamente pela comissão organizadora. A família dos candidatos geralmente deseja pagar promessas por graças alcançadas. A festa dos Marujos de Curaçá é a única manifestação popular local ligada à escravidão e que possui traços afro. Além do caráter folclórico, a marujada tem ainda toda uma simbologia relacionada à aspiração de liberdade, e até mesmo insinua a sua conquista.

(LOPES apud <<http://www.pt.wikipedia.org/wiki/Cura%C3%A7%C3%A1>> Acesso em: 10/04/2012).